

# Escola Libertadora: conflitos intelectuais em aulas participativas

LIBERATING SCHOOL: INTELLECTUAL CONFLICTS  
IN PARTICIPATIVE CLASSROOMS

Rafael Correia Lima<sup>1</sup>

Ms Leniomar Oliveira Morais<sup>2</sup>

## RESUMO

A aula em que se propõe a participação e interação dos alunos com professores mediante o conteúdo pode ocasionar debates e discussões desfavoráveis e indesejáveis. Portanto, para reparar o acontecimento, faz-se necessário tirar o foco do conflito, agregando a construção do conhecimento e do pensamento humanizado, sendo necessário ao professor que media o conteúdo, abordar de forma clara e objetiva pré-requisitos que antecedem as aulas, para nortear o conhecimento prévio dos alunos e originar o senso comum.

**Palavras Chaves:** Conflitos; Participação; Libertadora; Mediação.

<sup>1</sup> Licenciado em Artes Plásticas na UBC, licenciado em Pedagogia na UNINOVE, pós-graduado em Pedagogia Hospitalar na FAMESP, mestrando em Ciências da Educação na Universidad IberoAmericana em Asuncion (PY).

<sup>2</sup> Licenciado em Língua e Literatura Espanhola e Hispanoamericana, licenciado em Língua Portuguesa e Respectiva Literatura na UnB, pós-graduado em Segurança Pública na Universidade do Sul de Santa Catarina, mestre em Linguística Aplicada na Universidad de Salamanca (ES), mestrando em Ciências da Educação na Universidad IberoAmericana em Asuncion (PY).



## ABSTRACT

The class that proposes the involvement and interaction of students with teachers through content may cause unfavorable and undesirable debates and discussions. Therefore, to fix the event, it is necessary to take the focus of the conflict, adding the construction of knowledge and humanized thought, being necessary to the teacher who mediates the content address a clear and objective prerequisites form prior to the classes, to guide the students' prior knowledge and give common sense.

**Keywords:** Conflicts, Participation; Liberating; Mediation.

[...] *existem situações conflitantes, desafiantes, que a aplicação de técnicas convencionais, simplesmente não resolve problemas [...]*

(BELOTTI; FARIA, 2010, p.3 apud SCHÖN, 1997, p.21).

## INTRODUÇÃO

Há uma tendência na educação brasileira de que as escolas adotem uma prática educacional libertadora, contudo, a mesma ocasiona um ambiente propício ao surgimento de conflitos.

O conflito promove o amadurecimento intelectual, ao ponto de vista, de agregar conhecimento, porém, deve ser fiscalizado pelo professor, desde que o mesmo seja capaz de mediar a situação.

Em primeiro momento, vamos delimitar o assunto que gera os conflitos, para então proporcionar ao leitor uma ampla visão de mediação que o professor pretende e deve conceituar quando lida com a situação, de maneira que os alunos se coloquem no lugar do outro e que possam encontrar uma solução para o problema.

### LIDANDO COM CONFLITOS EM SALA DE AULA

No Brasil tem crescido o número de professores e escolas que adotam a tendência progressiva libertadora, que tem como parte de seus fundamentos a participação efetiva dos alunos e professores atuantes junto ao conteúdo numa relação de troca de saberes. A partir de então, pode-se dizer que o conflito é inevitável perante qualquer situação ou em qualquer grupo de pessoas, que independem da idade, classe social, gênero, religião entre outros.

Para tanto, o professor coordena a atividade e atua juntamente com os alunos. Esta prática visa uma formação crítica que capacita o aluno a transformar a sua realidade social.

De acordo com Aquino (1996, p. 34), a relação professor-aluno é muito importante, a ponto de estabelecer posicionamentos pessoais em relação à metodologia, à avaliação e aos conteúdos. Se a relação entre ambos for positiva, a probabilidade de um maior aprendizado aumenta. A força da relação professor-aluno é significativa e acaba produzindo resultados variados nos indivíduos (BELOTTI; FARIA, 2010, p.1).

Segundo Freire (2009), um dos fatores mais importantes para a mediação de conflitos em sala de aula far-se-á por meio do diálogo. Isso se justifica na própria realidade do autor, pois viveu muito tempo num regime de opressão e exclusão, sendo a dominação dos fortes perante os mais fracos causando resultados nítidos.



Para Belotti; Faria (2010, p.3) apud Nóvoa (1997, p. 27):

[...] as situações conflitantes que os professores são obrigados a enfrentar (e resolver) apresentam características únicas, exigindo, portanto características únicas: o profissional competente possui capacidades de autodesenvolvimento reflexivo [...]. A lógica da racionalidade técnica opõe-se sempre ao desenvolvimento de uma práxis reflexiva.

Segundo Libâneo (2003), os conteúdos de ensino adotados em sala de aula devem ser multiculturais e de conhecimento global, passar constantemente por uma avaliação para se atualizar de acordo com as realidades vivenciadas e que produz significados reais e sociais. Cabe ao professor à tarefa de escolher conteúdos de ensinos adequados às peculiaridades locais e as diferenças individuais.

Desde então, o contexto aborda o conflito intelectual pessoal que origina um ambiente propício a participação permanente dos alunos, contudo essa interação deve ser controlada pelo professor, para que não haja aborrecimento ao grupo e nem permita exposição individual do aluno perante os demais e ainda evite possíveis conflitos violentos que saem do intelectual e passam ao ofensivo.

### **HUMANIZAR PARA APRENDER<sup>3</sup>**

Uma prática de ensino com a real qualidade e compreensão de seus conteúdos e abordagens sempre foi libertadora, justifica-se pelo constante processo dessa libertação que surgiu pela necessidade em que a humanidade passa a ter a consciência de se humanizar (ALMEIDA, 1995).

A partir deste princípio, pode-se afirmar que a participação efetiva dos alunos em sala de aula, é uma das principais influências para originar o conteúdo a ser abordado e sugerido.

Para o professor incumbe o papel de articular e propor ferramentas que possibilite essa prática em sala de aula, a fim de conscientizar, agregar para a evolução do educando na construção de valores individuais e sociais no

<sup>3</sup> Humanizar é cuidar de outros, assistir, etimologicamente é estar do lado do outro, aliviar o sofrimento do povo, socializar, incluir. LANCETTI, Antonio. Notas sobre humanização e biopoder. Botucatu: 2009. Rev. Interface – Comunicação, Saúde, Educação. Vol. 13, Supl. I. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832009000500033](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832009000500033) Acesso em: 29/01/2013.

*processo de ensino aprendizagem. Ressalta-se que viver em sociedade é viver humanizado, o que não exclui a sua própria personalidade.*

Para Belotti; Faria (2010, p.1) parece-nos que o grande desafio dos educadores está em reverter à relação de desencontros, de conflitos e de pré-conceitos estabelecidos entre a escola, os professores e os alunos.

Portanto, o respeito é o fator mais importante para a tarefa de educar. Nessa visão multicultural e sincretismo religioso é o espaço a ser explorado pelos educadores, numa tentativa de motivar os educandos para o exercício da cidadania (FREIRE, 2009).

Visto que, lidar diretamente com alunos, que tem informações e valores individuais, podem agregar conhecimentos e saberes aos educandos, seus conhecimentos prévios não podem ser impostos ao público ou anulados para si, mas devem ser articulados no contexto de uma diversidade cultural e religiosa, sendo o seu conhecimento compartilhado e agregado ao grupo.

Portanto, a relação da troca de informação é parte fundamental para esta ação.

O conflito em si é potencialmente transformativo, ou seja, há argúcia oferece aos indivíduos a oportunidade de desenvolver e integrar suas capacidades de força individual e empatia pelos outros [...]. Os processos de intervenção como a mediação podem ser elaborados de modo a captar o potencial transformativo de conflito [...] (PACIEVITCH; GIRELLI, 2009 p. 7072 apud SALES, 2004, p.91).

A mediação é definida como uma interferência na negociação do conflito, que parte do professor para ajudar os envolvidos de forma mútua e espontânea, encontrar um consenso para a ocasião.

O professor deve articular as situações conflituosas para que o fator mais importante seja a amplitude da informação positiva, abrangendo toda a turma, também resgatar para o contexto os alunos que ficam alheios à situação.

Para esta abordagem prevalece a necessidade e a realidade do educando, assim, partir para um ambiente de conversação, criar um clima de confiança entre o educador e o educando, resultará o conhecimento.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola que adota a tendência progressiva libertadora deve fornecer subsídios para a formação do professor, para que ele tenha ferramentas que o possibilite a lidar com os conflitos que as aulas participativas originam.

A educação deve fornecer o acesso construtivo de uma sociedade criadora que busca atuar na formação das novas gerações, num pensamento crítico, buscando aprofundar a consciência da sua dignidade humana, o que favorece uma livre autodeterminação e promove o senso comunitário.

Fica claro que os conflitos são necessários, acontecem aleatoriamente e variam de acordo com as personagens envolvidas, mas o que deve permanecer é o conhecimento produzido na aula participativa, conceituando a visão crítica dos alunos e construindo um resultado positivo, que desenvolve a compreensão coletiva e proporciona o conhecimento intelectual e social pertinente a sua coletividade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, D. Luciano Mendes de. Prefácio, do Histórico da Educação Católica no Brasil, A E C. In: LIMA, Ir. Severina Alves de. Caminhos Novos na Educação. São Paulo: FTD, 1995.

BELOTTI, Salua Helena Abdalla; FARIA, Moacir Alves de. Relação Professor/Aluno. Revista Eletrônica Saberes da Educação, FAC São Roque, Volume 1, nº 1, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Pais e Terra, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da escola pública: A Pedagogia crítica social dos conteúdos. 19. Ed. São Paulo: Loyola, 2003.

PACIEVITCH, Thais Puc; GIRELLI, Eliane Puc. Violência nas escolas: Mediação de conflito e o clima escolar. Revista PUCPR IX Congresso Nacional de Educação, Out/2009, PUCPR, p.7067-7079.

SCHÖN, Donald. Os professores e sua formação. Portugal: Dom Quixote, 1997.